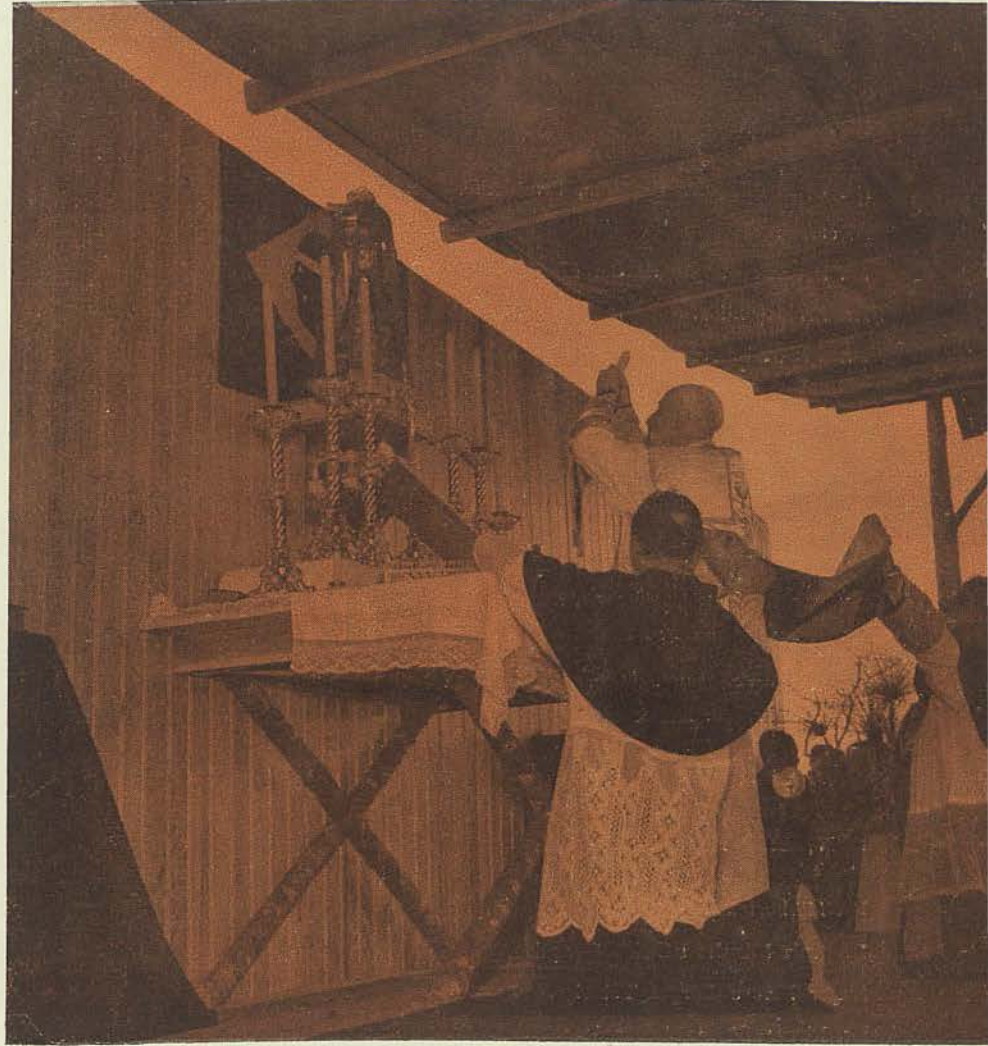


brasilha



número especial da primeira missa

**COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL DO
BRASIL — NOVACAP**

(Criada pela Lei n.º 2.874, de 19 de setembro de 1956). Sede: Brasília.
Escritório no Rio, Av. Almirante Barroso, n.º 54 — 18.º andar.

DIRETORIA

Dr. Israel Pinheiro da Silva, Presidente.

Diretores:

Dr. Bernardo Sayão de Carvalho Araújo.

Dr. Ernesto Silva.

Dr. Iris Meinberg.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:

Dr. Adroaldo de Junqueira Aires

Dr. Alexandre Barbosa Lima Sobrinho.

General Bayard Lucas de Lima.

Dr. Epilogo de Campos.

General Ernesto Dornelles.

CONSELHO FISCAL:

Dr. Herbert Moses

Dr. Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves.

Major Mauro Borges Teixeira.

Dr. Vicente Assunção, suplente.

Dr. Erasmo Martins Pedro, secretário.

Publicação Mensal da COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA
CAPITAL DO BRASIL — Toda correspondência:
Divisão de Divulgação da NOVACAP — Av. Almirante Barroso, 54
— 18.º andar — Rio de Janeiro.

NOSSA CAPA — A primeira Missa de Brasília, em 3 de maio de 1957.
O celebrante faz a elevação da Hóstia Consagrada.



“Estamos Vivendo Uma Hora que a História Vai Fixar”

Na oportunidade da primeira Missa rezada em Brasília, a 3 de maio de 1957, oficiada por Sua Eminência D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, Cardeal-Arcebispo de São Paulo, o Sr. Presidente da República, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, proferiu o seguinte discurso:

“Somos capazes de epopéias, nós, homens destes dias atribulados, capazes de gestos criadores, mas hesitamos diante da definição do grandioso. Não sabemos viver conscientemente o que podemos realizar. Temos pudor do sublime, recuamos à perspectiva da possibilidade de nos envolvermos numa atmosfera exaltada de beleza.

Perdemos, todos nós, homens deste momento do mundo, a coragem de enfrentar o magnífico, a coragem de confessar que participamos de um acontecimento que a história recolherá para sempre e a legenda guardará transfigurado pelo tempo afora.

Existem, de certo, heroísmos em nosso tempo; sucedem-se os feitos impressionantes, mas os feitos e os heroísmos têm de revestir-se de formas normais e cotidianas para que não nos persiga o receio de nos embebermos dos excessos, de nos transportarmos para um plano alto demais, onde o ar, de tão purificado, se torne irrespirável.

No entanto, por mais que procuremos livrar-nos das expansões fartas; por mais que desejemos obedecer a essa regra da vida moderna que prescreve a naturalidade em face do extraordinário, temos agora de curvar-nos comovidos, diante da excelssitude do que se está verificando aqui, e admitir que esta primeira missa, celebrada no sítio em que se erguerá a futura capital do Brasil, constitui um quadro que o tempo não levará para o esquecimento.

Estamos, todos nós, altos dignatários da Igreja Católica Apostólica Romana, autoridades civis e

militares, homens do povo e homens de Estado, todos nós, aqui reunidos, estamos vivendo uma hora que a história vai fixar.

Hoje é o dia de Santa Cruz, dia em que a capital recém-nascida recebe o seu batismo cristão; dia em que nela se verifica, pela vez primeira, o mistério da transformação do pão em carne e sangue do Salvador do Mundo; dia em que a cidade do futuro, a cidade que representa o encontro da pátria brasileira com o seu próprio centro de gravitação, recolhe a sua alma eterna, a substância divina do Salvador.

Dia em que Brasília, ontem apenas uma esperança e hoje entre todas a mais nova das filhas do Brasil, começa a erguer-se, integrada no espírito cristão, causa, princípio e fundamento da nossa unidade nacional; dia em que Brasília se torna autenticamente brasileira. Porque desde as suas origens o Brasil existe com a presença de Cristo.

Este é o dia do batismo do Brasil novo. É o dia da Esperança, o dia da Ressurreição da Esperança. É o dia da cidade que nasce. Plantamos, com o Sacrifício da Santa Missa, uma semente espiritual neste sítio, que é o do coração da Pátria.

Seja-me permitido formular uma ardente súplica, neste momento: que Nossa Senhora da Aparecida, Padroeira do Brasil e Madrinha de Brasília, vele por esta cidade que surge, resguarde os que a vierem habitar, volva os olhos benignos para os homens públicos que daqui deverão dirigir esta Nação, a fim de que eles honrem os nossos maiores e sirvam condignamente às gerações futuras.

Que Brasília se modele na conformidade dos altos desígnios do Eterno; que a Providência faça desta nossa cidade terrestre um reflexo da cidade de Deus; que ela cresça sob o signo da Caridade, da Justiça e da Fé.

Ao Espírito Divino, aqui presente, dirijo as minhas ardentes preces para que abençoe o povo brasileiro; e que me inspire a mim, homem humilde, a quem a Providência confiou a grande honra e desmesurada tarefa de presidir aos destinos do Brasil nesta hora em que se inaugura uma era nova”.



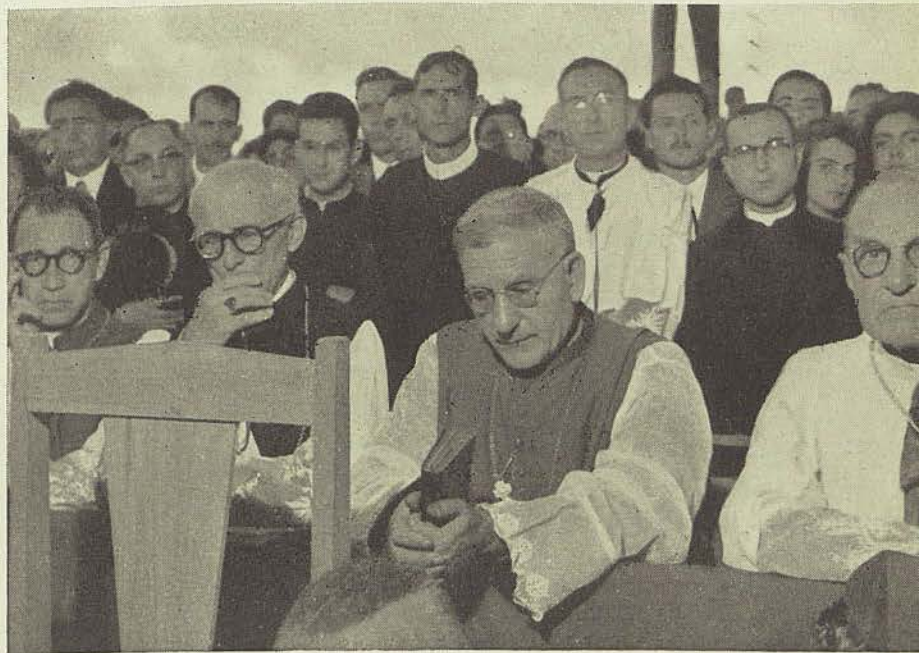
A primeira missa em Brasília

Mais de 15 mil brasileiros, atendendo aos apelos da fé cristã e do entusiasmo patriótico, reuniram-se no coração do território nacional no dia 3 de maio, para assistir às cerimônias da Primeira Missa em Brasília. Autoridades e povo, chegados de todos os quadrantes do país, compuseram a grande cena religiosa e cívica que, sob muitos aspectos, alcançou a mesma significação histórica da Primeira Missa do Brasil, rezada, há quatrocentos e quarenta e sete anos, por frei Henrique de Coimbra.

Por terra e pelo ar, através dos mais diferentes meios de transporte, em aviões, automóveis ou simples charrettes, num total de quase mil veículos, acorreram os numerosos fiéis da Igreja, e também do futuro brasileiro, simbolizado na edificação da nova capital do país. Afora algumas centenas de convidados especiais, que se transportaram em aviões comerciais e particulares, do Rio, de São Paulo e outros centros, as estradas que dão acesso a Brasília foram completamente tomadas por densa romaria, por uma multidão de homens, mulheres e crianças do interior, ansiosos por ver de perto, com os próprios olhos, o nascimento de uma nova era da civilização nacional — uma legítima redescoberta do Brasil.

A RECEPÇÃO

O Presidente Juscelino Kubitschek já se encontrava em Brasília, desde o dia 1.º de maio, na companhia de seus auxiliares imediatos e dos dirigentes da NOVACAP, Srs. Israel Pinheiro, presidente, Iris Meimberg, Bernardo Sayão e Ernesto Silva, diretores administrativos. Na manhã do dia 3 S. Exa. foi recepcionar, no recém-construído aeroporto de Brasília, todos os convidados, civis, militares e dignitários da Igreja, que ali chegavam continuamente. Às 10h 40m, descia do "Viscount" presidencial, especialmente enviado a São Paulo para conduzi-lo, o Cardeal-Arcebispo daquele Estado, D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota. No mesmo avião era transportada a imagem de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil e madrinha de Brasília, sob cuja invocação se-



Altos dignatários da Igreja deram com a sua presença à cerimônia o sentido de uma extraordinária festa religiosa.

O presidente Juscelino Kubitschek, no genuflexório, perante o altar, acompanha o Santo Sacrifício da Missa.





ria celebrada a cerimônia e que se destina a ficar na futura catedral da cidade. O belo "Viscount" trouxe ainda diversas autoridades do governo paulista, entre as quais o representante do governador Jânio Quadros, o secretário da Fazenda Dr. Carvalho Pinto.

PERSONALIDADES PRESENTES

Outros aviões conduziram numerosas delegações de políticos, jornalistas, expoentes do comércio e da indústria, dirigentes de importantes órgãos da administração pública, membros do clero, personalidades do mundo social, escritores e visitantes das mais várias classes e procedências.

Entre as altas personalidades da vida política, religiosa, administrativa e cultural do país, registramos as seguintes presenças: o vice-presidente da República, Sr. João Gou-



O Cardeal D. Carlos Carmelo, aclamado pela multidão, é recebido no aeroporto de Brasília para onde foi conduzido pelo "Viscount" presidencial.

Mais de vinte aviões, comerciais, particulares e militares transportaram a Brasília os numerosos convidados do Rio de Janeiro, São Paulo e outros centros

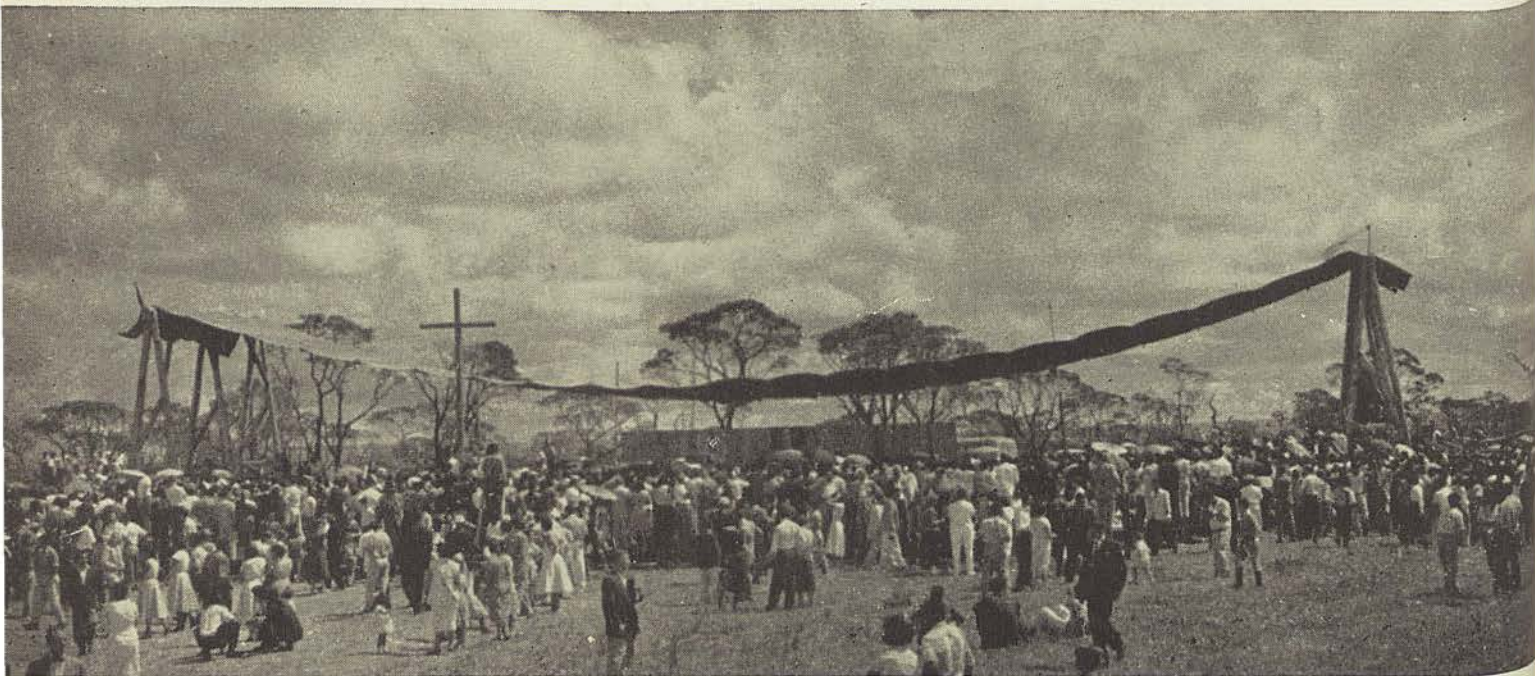
lart; os governadores Jorge Lacerda, de Santa Catarina, Paulo Sarazate, do Ceará, Antônio Balbino, da Bahia, Francisco Lacerda de Aguiar, do Espírito Santo e José Ludovico, de Goiás; os generais Odilo Denys, comandante do 1.º Exército, Stênio Albuquerque Lima, Edgard do Amaral; o Sr. Vitor Nunes Leal, chefe do Gabinete Civil da Presidência; o general Nelson de Melo, chefe do Gabinete Militar; os brigadeiros Nero Moura, Armando Ararigboia e Alves Sêco; o cel. January Nunes, presidente da Petrobrás; o prof. Pedro Calmon, Magnífico Reitor da Universidade do Brasil; o jornalista Herbert Moses, presidente da A.B.I.; o Sr. Mário Pinotti, chefe do Departamento Nacional de Endemias Rurais; os senadores Domingos Velasco e Lino Matos; os deputados Rogê Ferreira e Emílio Carlos; vereador Hugo Ramos Filho, presidente da Câmara do Distrito Federal; Dr. Feliciano Araújo, tesoureiro da

Casa da Moeda; D. Teresa de Orleans e Bragança, a Condessa Pereira Carneiro, e inúmeras outras pessoas.

RUMO AO CRUZEIRO

Num impressionante desfile de veículos, partiram os convidados para o local chamado Cruzeiro, a 10 quilômetros do aeroporto e no ponto mais alto dos limites da nova capital, onde seria oficiada a Primeira Missa. Ali, sob um imenso tóldo de lona, em chão assoalhado, lembrando em tudo o ambiente primitivo e singelo da Primeira Missa do Brasil, estava armado o altar monumental, em cujo centro ficou a imagem de N. S.ª Aparecida. A vegetação rala do local havia sido desbastada, formando-se ali um enorme descampado.

Antes da solenidade religiosa, D. Carlos Carmelo Mota celebrou o batismo de





3

uma criança nascida em Brasília, servindo de padrinhos o Presidente Juscelino Kubitschek e senhora Israel Pinheiro.

A SOLENIDADE

A Primeira Missa teve início às 11,20 horas, quando D. Antônio Macedo, bispo auxiliar, falou pelo microfone sobre a cerimônia que ia realizar-se. O Presidente e o Vice-presidente da República ocuparam os genuflexórios diante do altar, acompanhados pelos ministros de Estado, altas patentes militares, autoridades civis e eclesiásticas. O Cardeal de São Paulo celebrou a Santa Missa acolitado pelos cônegos Euládio e Enzo de Campos Gusso, e com a participação de D. Armando Lombardi, Núncio Apostólico do Brasil, D. Cândido Penso, bispo de Goiás, D. Francisco Prata, bispo de Uruassu, D. José

Terceiro, bispo auxiliar do Cardeal da Silva, D. Abel Ribeiro de Carvalho, vigário capitular de Goiás, D. Eliseu, Prelado de Paraste e D. Paulo de Passos Cunha.

Durante a solenidade o Côro Feminino da Universidade de Minas Gerais cantou partes da "Missa Brevis", de Palestrina, e outras peças escolhidas especialmente para o ato.

Foi distribuída a comunhão a todos quantos quiseram recebê-la.

PALAVRAS DE FÉ

Seguiu-se a oração do Cardeal de São Paulo, ressaltando o significado da cerimônia e elogiando a iniciativa do Presidente da República pela mudança da capital, acontecimento que marcava um avanço de 135 anos

4



1 O cortejo de veículos se encaminha para o local onde vai ser celebrada a cerimônia, conduzindo milhares de fiéis, vindos de todos os recantos do país.

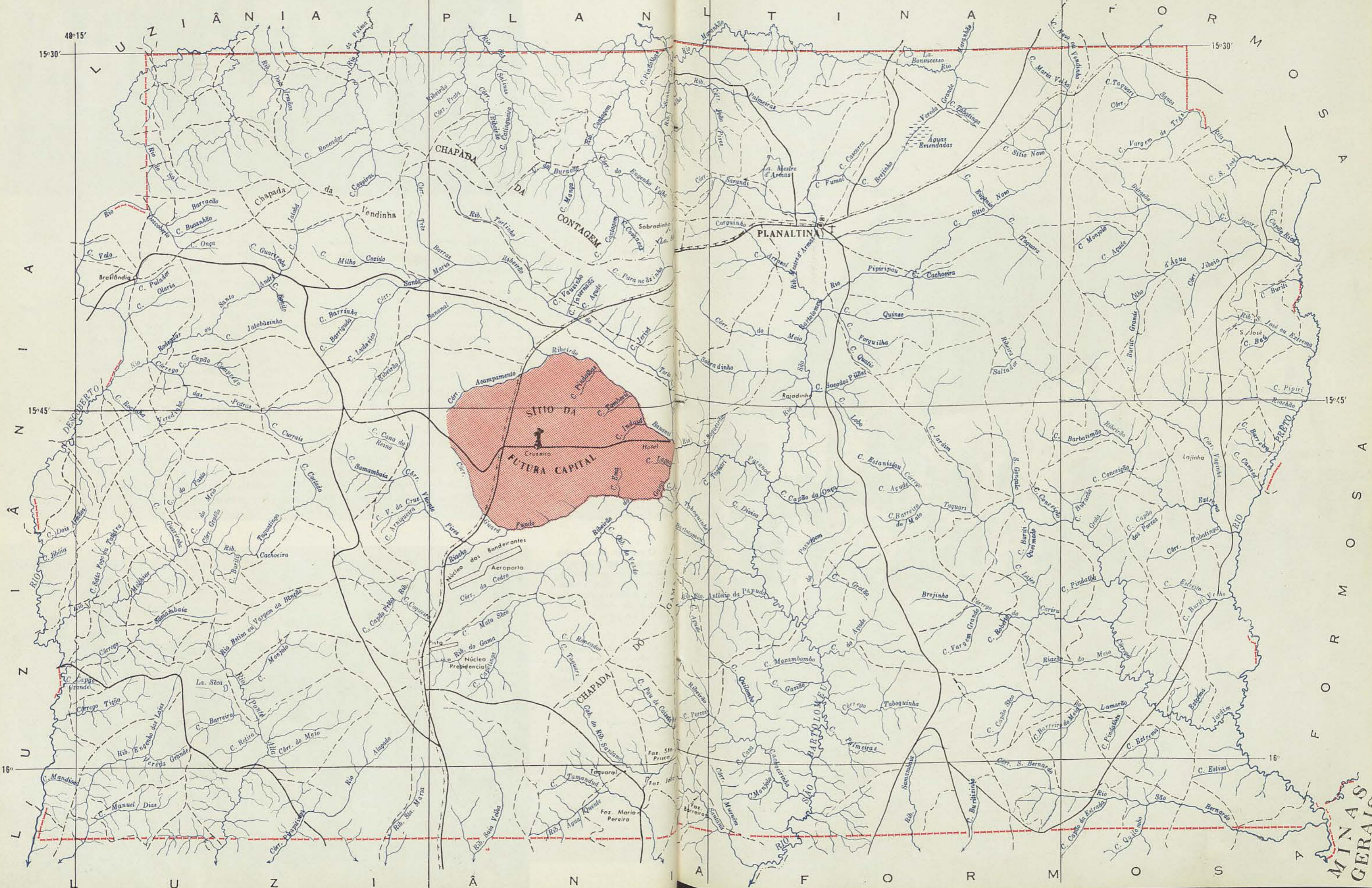
2 O altar-monumento, armado sob um vasto tóldo de lona, no ponto mais alto dos limites da cidade.

3 A imagem de N. S. Aparecida, padroeira do Brasil e da nova capital, quando era conduzida para o altar.

4 O presidente da República e o vice-presidente João Goulart prestigiaram em toda linha o grande acontecimento religioso e cívico.

FUTURO DISTRITO FEDERAL

ESCALA 0 2.5 5 7.5 10 km



MINAS GERAIS



no progresso do Brasil. Traçou o panorama do que seria Brasília no futuro, centro unificado e civilizado de todo o território nacional. Por fim D. Carlos procedeu à leitura da Bênção Apostólica enviada por Sua Santidade, o Papa Pio XII, ao presidente da República e ao povo brasileiro, no ensejo da Primeira Missa em Brasília.

Sob os aplausos da grande massa popular, falou depois o Sr. Juscelino Kubitschek, para reiterar o seu profundo entusiasmo pela obra da nova capital, "a cidade do futuro, a cidade que representa o encontro da Pátria Brasileira com o seu próprio centro de gravitação". "Este é o dia do Brasil novo — disse o Presidente da República. Plantamos com o Sacrifício da Santa Missa, uma semente espiritual neste sítio, que é o coração da Pátria".

A "Agência Nacional" irradiou a solenidade para todo o país.

PLACA COMEMORATIVA

Logo após ter celebrado a Primeira Missa, o Cardeal D. Carlos procedeu à bênção da placa comemorativa, doada à nova capital pela Fundação Coimbra Bueno.

A seguir, o Presidente da República recebeu um grupo de 20 índios Carajás, do posto Getúlio Vargas na ilha do Bananal, trazidos por via aérea a Brasília, pelo Serviço de Proteção aos Índios. Com os seus trajes e adornos característicos, constituíram a nota pitoresca das cerimônias. Os carajás fizeram oferendas ao Sr. Juscelino Kubitschek, entregando-lhe flechas e objetos típicos de suas tabas.

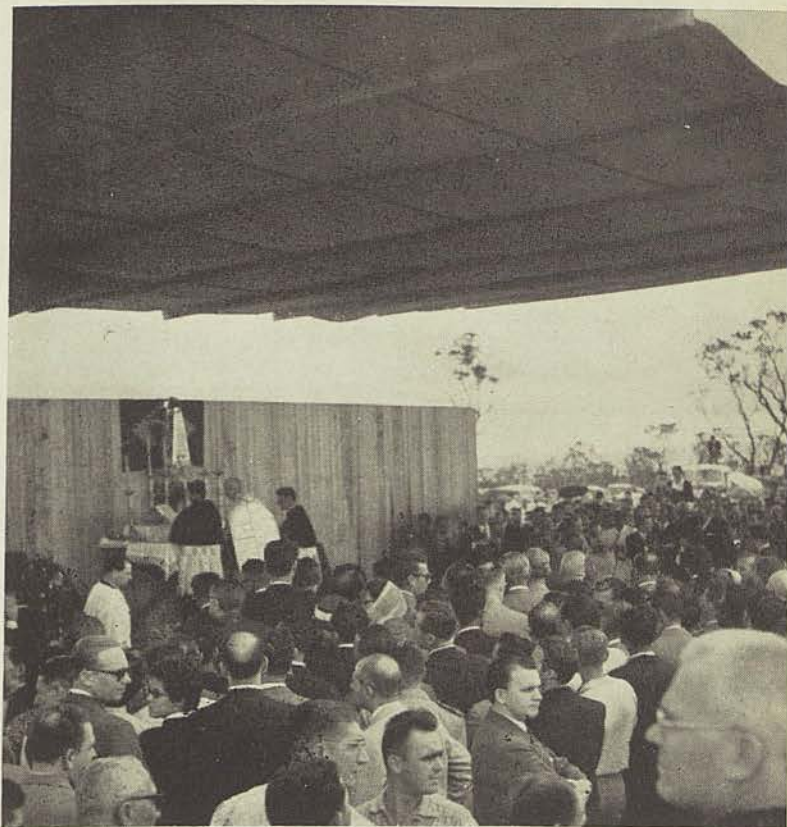
ENCERRAMENTO DA SOLENIDADE

Encerrada a solenidade, cujo brilho superou tôdas as expectativas, o presidente da República recebeu os cumprimentos dos presentes e assinou numerosos autógrafos.

Ao fim da tarde regressaram às suas cidades de procedência os 40 aviões que trouxeram os convidados a Brasília. As estradas de acesso à nova capital voltaram a ficar juncadas de veículos. Permaneceram, entretanto, os 5 mil habitantes da cidade, prontos para reiniciar, no dia seguinte, a faina gloriosa da construção de Brasília e da reconstrução do Brasil.

POLICIAMENTO E TRÂNSITO

O serviço de trânsito e o policiamento em Brasília foram feitos pela polícia goiana, auxiliada por escoteiros.



Um momento da celebração da Primeira Missa, vendo-se o Cardeal de São Paulo, D. Carlos Mota, acolitado pelos cônegos Eulálio e Enzo de Campos Gusso. A Presença de colegiais, escoteiros e de um grupo de aborígenes da ilha do Bananal acrescentou à solenidade um tom de vivacidade e pitoresco.



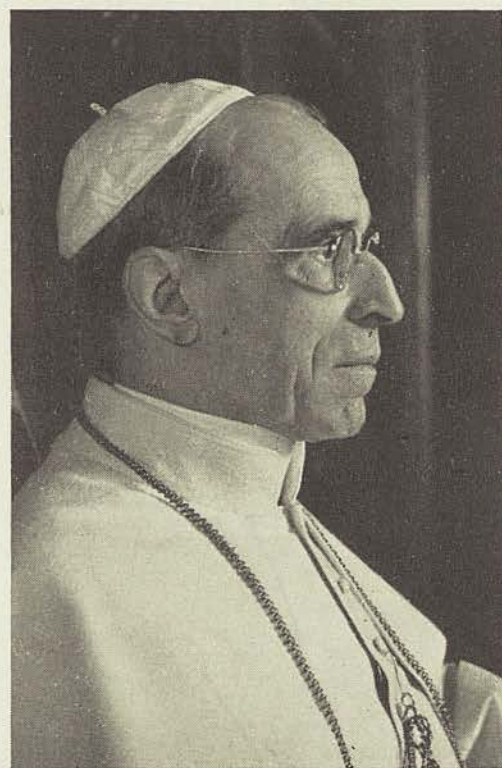


A MENSAGEM DO PAPA PIO XII

S. S. o Papa Pio XII concedeu especial bênção apostólica às autoridades presentes à primeira missa celebrada em Brasília, através da seguinte mensagem ao Presidente da República:

“Exmo. Sr. Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, Presidente dos Estados Unidos do Brasil — Rio — DF — No dia do aniversário da descoberta e da primeira missa nas terras de Santa Cruz muito Nos agrada que tão fausta data seja recordada com a celebração da primeira missa em Brasília. Pedindo a Deus que continue a derramar sôbre a generosa nação brasileira os seus celestes favores para que progrida e prospere à luz do Evangelho e dos ensinamentos da Igreja, concedemos, de coração, a V. Exa., às autoridades presentes à sugestiva cerimônia e a todó querido povo brasileiro, a nossa especial bênção apostólica. PIUS PP. XII”.

A fé desbrava a serena paisagem de Brasília, no avanço das suas Mensageiras de Deus.



S. S. o Papa Pio XII

“Que a bênção de Deus faça Brasília crescer e frutificar”

Após a celebração da Santa Missa, em Brasília, Sua Eminência, D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Mota, Cardeal-Arcebispo de São Paulo, pronunciou a seguinte oração:

“Incipit Vita Nova”.

“Meus compatriotas.

Se um sonho empolgante pode às vezes nos dar a ilusão de flagrantes realidades, em contrapartida uma maravilhosa realidade pode nos dar a sensação de um sonho misterioso.

E é esta a sensação que nos dá Brasília. E adiante do que estamos vendo e prevendo: “Non possumus non loqui”, porém, jamais nos foi dado nem jamais nos será dado, falar assim em momento e em cenário tão solene. O cenário é todo o Brasil imenso, aqui presente, na personalização dos seus grandes filhos aqui representados por esse panorama telúrico ainda virgem e por este horizonte visual ilimitado e, dilatado ainda pela nossa fantasia, até aos confins do território nacional através dos seus oito e meio milhares de quilômetros quadrados. Na verdade, aqui e neste rincão histórico, bem é que nos empolgue aquele entusiasmo do rei poeta e profeta, cantando no salmo:

“A Domino factum est istud et erexit in oculis nostris”: Foi feita pelo Senhor toda esta maravilha da natureza que, neste planalto os nossos olhos contemplam embevecidos. E diz mais o salmista:

“Haec est dies, quam fecit dominus: exultemus et laetemur in ea”: Este é o dia preparado pelo Senhor, exultemos de jubilosa glória por o estarmos vendo e vivendo.

Nesta antifona das aleluias da Páscoa a cristandade canta todos os anos, “urbi et orbi”, em Roma e em todo o mundo, comemorando a gloriosa ressurreição de Cristo Jesus.

Porém, a festividade da Páscoa do ano de 1500 valeu, para Pedro Alvares Cabral e para todo o Portugal, por um jubileu de alegrias nunca dantes experimentadas: foi a Páscoa da descoberta do Brasil. Outrossim, para V. Exa., Sr. Presidente da República, e para todos os bons brasileiros, esta Páscoa de 1957 está sendo a venturosa da descoberta do Brasil, nesta epifania, nesta alvorada de Brasília. Salvo o respeito devido ao texto sagrado, poderíamos aplicar a esta cidade nascente, aquilo do Evangelho:

“Não pode ficar escondida a cidade posta sobre o planalto: sobre este antiplano da terra de Santa Cruz”.

Poderíamos ainda enquadrar Brasília como se fora a cidade noiva do Brasil, dentro da visão de João, o evangelista, descrita no capítulo 21, do seu Apocalipse:

“E eu, João, vi um céu novo e uma terra nova, pois que o 1.º céu e a 1.ª terra desapareceram e o mar também sumiu-se”. “E, entretentes, vi a nova cidade santa de Jerusalém descendo do céu, de junto de Deus, ataviada qual a noiva adornada para o seu esposo”. “E ouvi uma grande voz, que provinha do trono e dizia: Eis o tabernáculo de Deus junto aos homens, no qual habitará com eles. E os homens serão o povo de Deus, e o seu Deus será o próprio Deus verdadeiro”.

“Três Marcos Culminantes na Vida Nacional”

Sim, meus compatriotas brasileiros, congratulemo-nos todos porque estamos vivendo um dos três maiores acontecimentos da nossa gloriosa história pátria.

De fato, o descobrimento em 1500, a independência em 1822 e, na atualidade, a fundação desta nova capital metropolitana, no centro do país são os 3 marcos culminantes na vida nacional.

Congratulemo-nos com o Sr. Presidente não só pela vitória que já vai conquistando nesta arrojada e máxima empresa, e sim também pelo alto espírito de fé cristã e de civilização cristã que vem inspirando S. Exa. e pelas bênçãos de Deus que o vêm acompanhando e confortando. Agora mesmo se dá o privilégio e a fraternal mercê da bênção apostólica, trazida pelas mãos augustas do Sr. Nuncio Apostólico, em nome do Santo Padre Pio XII.

E que diríamos, então, do santo sacrifício da missa, que acabamos de celebrar, a convite do Sr. Presidente da República?

É, como alguém escreveu, a segunda missa do Brasil em comparação da 1.ª missa em Porto Seguro.

O Sr. Presidente tem bem presente, em seu espírito e atuante em seu coração aquelas sentenças do rei Davi:

“Se Deus não intervém na edificação da cidade, em vão pelem os que a edificam”.

“Se Deus não guarda a cidade, debalde vigiam os que a policiam”.

Vós estais estabelecidos sobre o edifício fundado pelos apóstolos e pelos profetas no qual o próprio Cristo Jesus é a pedra angular sobre a qual toda a edificação se levanta qual santuário de Deus.

“Avanço Histórico de 135 Anos”

Brasília está desde esta primeira missa alicerçada no Divino Sacrifício oferecido neste altar monumento sobre a sagrada pedra, dela sendo ofertante e vítima o próprio Cristo Jesus. Conta-nos o Evangelho de S. Lucas que Jesus dizia um dia a seus discípulos: É preciso que em outras cidades também eu vá evangelizar o reino de Deus. E hoje pessoalmente nos Santos Sacrifícios da Eucaristia Jesus começou a evangelização de Brasília. E essa evangelização vai ser continuada apostolicamente e oficialmente pelo grande arcebispo que a Divina Providência, pela autoridade do vigário de Cristo, acaba de eleger para ser o anjo da notável arquidiocese de Goiânia. Sr. Presidente da República: Em nome do episcopado brasileiro, em nome da cristandade do Brasil, felicitamos V. Exa. e o Brasil na pessoa de V. Exa. pela próxima efetivação do preceito constitucional sobre a mudança da Capital Federal.

Será o acontecimento máximo depois do Ipiranga. Será um avanço histórico de 135 anos. Será o apogeu do governo republicano do país. Será a democratização desse colosso de grandeza e beleza que é o território brasileiro.

“Impulso Unificador e Civilizador do Brasil”

Brasília será a matriz, nutriz e protetrix da vida nacional integral e total. E o gigante não continuará deitado eternamente nas areias entorpecentes das praias do litoral. Vai acordar-se, vai levantar-se e trans-

por as Serras do Mar e da Mantiqueira para subir até o planalto das vertentes do Brasil. Não se repetirá mais a frase sedida do frade historiógrafo censurando os brasileiros de que se quedaram nas praias litorâneas à moda dos caranguejos.

A Nação vai agora tomar posse do que é seu e ter o seu verdadeiro centro de gravidade. Brasília vai ter o trampolim mágico para a integração da Amazônia na vida nacional. Brasília vai salvaguardar a Hiléia Amazônica que já foi perigosamente cobiçada pela ONU a pretexto de civilização de populações subdesenvolvidas.

Brasília vai deter a fuga do nosso sertanejo em busca da miragem das megalópolis. Brasília vai resolver o mais angustioso e mais grave problema nacional que é o problema dos nossos irmãos nordestinos, proporcionando-lhes oportunidades de se fixarem em colônias nacionais à margem das grandes vias que demandarão Brasília — colônias nacionais tecnicamente estabelecidas, amparadas e assistidas pelos poderes públicos. Brasília vai ser o mais formidável impulso unificador e civilizador do Brasil. Brasília vai ser a mobilização efetiva e definitiva desta grande Nação de 60 milhões de cidadãos livres e deste extremíssimo território, patrimônio colossal, capital imensa do qual precisamos e devemos auferir os juros legítimos tanto em benefício nosso quanto em benefício da humanidade.

“Revolução da Estrutura da Vida Nacional”

Brasília vai ser uma como que metrópole universitária da civilização cristã, da democracia cristã, da justiça social cristã, da fraternidade cristã, da paz cristã. V. Exa., Sr. Presidente, foi o estadista que a Providência talhou com a inteligência e coragem bastante para compreender e empreender essa obra ciclópica e transcendental e que em boa hora tem sido poderosamente coadjuvado pelo Dr. Israel Pinheiro, o benemérito urbanizador, e pelo senador Coimbra Bueno, o propagandista máximo da nova capital.

Bem haja, pois, V. Exa., Sr. Presidente, e bem hajam todos os bandeirantes desta novíssima Cruzada, todos os heróicos operários desta pacífica e renovadora revolução da estrutura da vida nacional. Sr. Presidente, V. Exa. médico por vocação e profissão, acertou no diagnóstico e na terapêutica dos males da nacionalidade. V. Exa. descobriu a etiologia da eternidade do Brasil, ou seja, actopia do coração, isto é, cardioptose ou deslocamento do coração para baixo. Vossa Excelência, então deliberou realizar a cardiomastrosia ou transposição do coração para o seu lugar ideológico normal. Sim, V. Exa. resolveu de vez transplantar da beira-mar para o Mediterrâneo do país a sua metrópole que é o coração da sua economia vital.

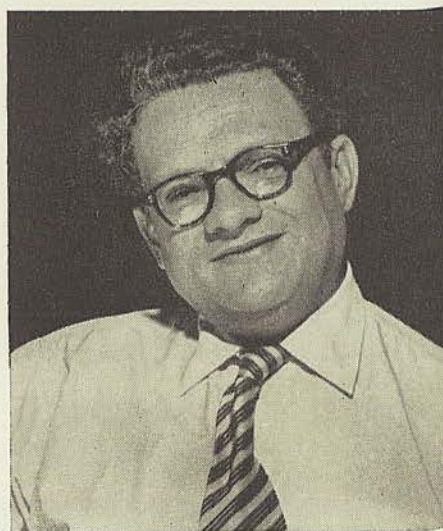
E a transplantação está sendo feita com máxima perícia e com pleno êxito.

Na Bíblia se lê como plantou Deus no meio do Paraíso terreal a miraculosa árvore da vida. Brasília é a árvore da vida nacional providencialmente plantada no planalto central de nossa Pátria. Que as bênçãos de Deus e da Virgem Mãe de Deus façam com que Brasília cresça, floresça e frutifique em perene primavera da vida nova do Brasil. “Incipit vita nova”.

A mudança da Capital e a opinião brasileira



José Ludovico de Almeida, governador de Goiás.



Escritor José Lins do Rêgo.



Ildo Meneghetti, governador do Rio Grande do Sul.

“VISÃO MAIS PROFUNDA DA REALIDADE BRASILEIRA”

“A localização da Capital no interior, imperativo de tôdas as Constituições Republicanas, terá o mérito de despertar para a civilização, de que já goza o litoral, mais de dois terços do território brasileiro, cujas enormes riquezas e possibilidades são ainda praticamente desconhecidas e inexploradas. De Brasília, o Governô terá a visão mais profunda da realidade nacional, podendo assistir, com maior eficiência, igualmente todos os Estados e acelerar a conquista da hinterlândia, com todo o seu imenso potencial econômico. Nesse grandioso empreendimento, o governô de Goiás cumpre, com dedicação e entusiasmo, o dever de colaboração com o eminente Presidente Juscelino Kubitschek, a quem o destino reservou o ônus, mas também a glória, dessa meritória arranca-da pelos mesmos caminhos antes palmilhados pelos nossos Heiróicos Bandeirantes”. — José Ludovico de Almeida, Governador de Goiás.

“PEDRA FUNDAMENTAL DA ORGANIZAÇÃO NACIONAL”

“Sòmente agora, há mais de 130 anos de sua emancipação política, lança o Brasil, com a localização racional do centro de seu Governô, a pedra fundamental da organização nacional, que deveria surgir, como ficara estabelecido, desde quando a coletividade nacional se deu conta de que passara para as suas mãos a tarefa da construção de seus próprios destinos. A civilização litorânea, que o mar se incumbê de desenvolver, é obra do tempo. Mas a irradiação do progresso pelo interior do país, a racionalização de nosso sistema nacional de transportes, a aglutinação dos núcleos sociais emparedados pela falta de vinculação, a consciência e o domínio de nossa grandeza territorial, a ocupação efetiva do território, com o povoamento do interior, a nacionalização e a vivificação de nossas fronteiras terrestres, o aproveitamento de nossos próprios recursos, a realização de nosso destino continental, principalmente, a missão de governar o Brasil, pensando no Brasil, em contacto com o Brasil e assistindo ao Brasil, como um todo, são tarefas fundamentais do Governô, que exigem sua presença e sua ação no centro do Brasil”. — General A. de Lyra Tavares — (Do livro “O Território Nacional”, a sair).

“UMA INICIATIVA GRANDIOSA”

“Durante a República jamais se apagou no espírito dos grandes estadistas o pensamento de levar a capital para o interior de nosso Território, embora as condições financeiras do país, exigindo sempre a atenção do governô para assuntos de solução premente, não permitisse um esforço alentado nesse rumo. Deveras é essa uma iniciativa grandiosa, cujo resultado não se poderá esperar a curto prazo. É uma obra lançada para o futuro. Seus frutos não os colherá quem plante, mas seus filhos e netos. Será o Brasil

de amanhã que se estará construindo” — Meira Mattos, em “Correio Paulistano”, de 7-12-56.

“A MUDANÇA SERÁ UM FATO”

“Levamos todos os anos da República a falar da mudança de capital em termos tão vagos que chegamos a tomar o preceito constitucional como obra de loucos. A realidade não nos convencia de nada. O Brasil das distâncias começou a aparecer depois do surto aviatório. E aí está o movimento atual a nos mostrar que a idéia de Cruls não é uma sugestão de poeta. A obra do mestre da geodésia se transformou em lastro para a confiança dos estadistas. Não está agora o Sr. Juscelino agindo conforme a paixão do momento. A sua decisão de realizar a obra está amparada na melhor ciência. O livro arrancado do relatório de Cruls, com mapas e números estatísticos, dá-lhe a segurança de que não está operando com leviandade e açodamento. Quando se pensou em construir Belo Horizonte, hoje uma vitória, Rui Barbosa, apesar de todo o seu gênio, achou a idéia uma extravagância. Acredito que, amparado em homens da categoria superior de um Luiz Cruls, a mudança de nossa capital será um fato”. José Lins do Rêgo, da Academia Brasileira de Letras — “Diário da Noite”, de 16-5-57.

“NÃO DESCREIO DA CAPACIDADE DO HOMEM BRASILEIRO”

“Sou dos que pensam que a mudança da Capital da República é uma necessidade, é, mesmo um imperativo, para o desenvolvimento econômico e social das regiões centrais do país. A célebre marcha para o “Oeste” só se realizará, quando, nos planaltos goianos, fôr edificada a nova Capital, donde se projetará, por terra e pelo ar, partindo do centro para a periferia, um volume extraordinário de benefícios. No coração da Pátria será criada uma grande civilização e, pelas estradas hoje desertas, surgirão novas cidades, novas fábricas, novos campos de cultura, novas oportunidades. O governô da República terá mais tranqüilidades para planejar e o Rio de Janeiro continuará sendo aquêlê centro admirável de atração, de turismo, de atividades. Não descreio da Capacidade do homem brasileiro”. — Aurélio Viana, Deputado Federal por Alagoas — (20-6-56).

“RIO GRANDE DO SUL, ENTUSIASTA DA MUDANÇA”

“O Rio Grande do Sul sempre foi entusiasta da mudança da Capital e podem estar certos o Sr. Presidente da República e o Povo Brasileiro de que o meu Estado será, ao seu lado, um braço forte para a concretização dessa obra de que admirá imenso proveito para a nossa Pátria”. — Ildo Meneghetti, Governador do Estado do Rio Grande do Sul.

“SEGUNDO MARCO DO DESENVOLVIMENTO”

ARRUDA CAMARGO

“PRIMEIRA MISSA EM BRASÍLIA —

Havia um rei venturoso que governava um país de frades, guerreiros e almirantes, país pequeno, cujos filhos em aventuras e tropelias pelos “mares nunca dantes navegados”, descobriram ilhas, arquipélagos e continentes para o seu soberano... E foi esse espírito de desbravamento dos portugueses que trouxe Pedro Alvares Cabral às costas da Ilha de Vera Cruz, da Terra de Santa Cruz, do Brasil, cujas terras eram muito chãs e dadivosas, “onde se plantando tudo dá”. E a primeira missa foi rezada num recanto de praia, onde floresceu a civilização medrosa de adestrar o sertão que se alongava, misterioso e cheio de ruídos estranhos, além da serra de pontaguda que barrava os horizontes. Nasceu ali, na estreiteza de um corredor, espremida entre a serra e o mar, a civilização brasileira; e ali se desenvolveu, sob o encanto das praias, ouvindo os queixumes e os bramidos do oceano... O resto do país permaneceu ignorado, ainda mesmo quando o mameluco de São Paulo, desceu o Tietê, orientando-se pelas balizas do Jaraguá, para atingir, em suas peregrinações, os recantos mais longínquos do Continente, palmilhando-o em todos os rumos e direções...

Civilização litorânea, a brasileira dormiu mais de quatro séculos sob o embalo das marés que subiam e desciam... De quando em vez alguém alteava o olhar e aprumava as orelhas, a fim de ver e ouvir melhor. De quando em vez alguém se indagava o porquê daquele tradicionalismo, daquele agarramento ao mar, daquela estreiteza de visão, daquela persistência em não largar o litoral e conquistar realmente os milhões e milhões de quilômetros quadrados da Pátria esquecida, cujos contornos configuravam linhas imprecisas nas cartas geográficas. O redescobrimento do Brasil, a posse da terra pelo empreendimento, a conquista do chão pelo trabalho, a hegemonia do progresso pelo desenvolvimento da gleba, eram imperativos históricos que não abalavam os próceres de uma civilização anfíbia que vivia mais do mar e para o mar, com os olhos voltados para as terras da Europa, de onde nos vinham, juntamente com os alimentos, a cultura e os vícios, os manequins de Paris e as teorias de Rousseau...

Ilha de Santa Cruz, Terra de Vera Cruz... Brasil... Brasília... Em pouco mais de um ano de administração Juscelino Kubitschek assenta o seu governo no Planalto Central. O progresso constrói novo centro de irradiação bem no coração da Pátria, de onde emana, agora, um novo movimento progressista, este de dentro para fora. E no dia da Santa Cruz, data hoje esquecida e sepultada sob o trivial de uma civilização de pouca profundidade — neste Dia Santificado para a Pátria, memorativo daquela primeira Missa que se rezou em nossa terra, num recanto de praia, sob o olhar curioso e temido do bugre, neste mesmo dia, lá no fundo do sertão, vizinhanças das derradeiras tabas que o progresso sacrificou, o presidente da República acompanhado de luzidia comitiva assiste á primeira Missa que se reza em Brasília, a futura capital. Repete-se o ato solene e magno, a cena histórica de há mais de qua-

trocentos anos. A Missa de Brasília simboliza na sua grandiosidade o segundo marco do descobrimento, a segunda etapa na conquista do solo, o ato final de posse da própria Pátria, que espera desde os dias de Frei Henrique de Coimbra, pela sua redenção social-econômica”.

(Diário Comércio & Indústria, de São Paulo, 4-5-57).

“AUSPICIOSA EVOCAÇÃO”

“Revestiu-se de particular significado a celebração da Primeira Missa em Brasília, a nova Capital do país. No mesmo dia em que, há 457 anos, Frei Henrique de Coimbra selou, com a elevação da Cruz e a Primeira Missa, a posse da Terra de Santa Cruz para a coroa de Portugal e para as conquistas da civilização cristã. Brasília, a nova Capital, não podia ter outra cerimônia a integrá-la na comunhão nacional como a primeira de suas unidades municipais. O sinete da fé católica é o marco de ouro a assinalar fúlgidamente que o Brasil já tem a sua nova Capital, e que já não é um sonho, uma utopia irrealizável, um preceito anódino na sucessão das muitas Constituições que vêm regendo a Nação brasileira.

O presidente Juscelino acha-se vivamente empenhado em dar corpo e realidade ao preceito constitucional. De sua parte, tudo tem feito o chefe do Governo para que o Brasil tenha, de fato, a nova capital, e o governo para lá se transporte com todos os requisitos necessários ao seu pleno funcionamento.

O que, na realidade, importa, é que o presidente não esmoreça um instante nesse cuidado, e lhe vote a continuidade firme e vigorosa de ação construtiva. De sorte a que ao fim de seu quinquênio, já o seu governo esteja instalado em Brasília. Ou que, pelo menos, as obras a tal conducentes se encontrem em tal forma concretizadas, conduzidas e asseguradas, que já não seja possível paralizá-las. Portanto, sabido como bom mineiro que é, o sr. Juscelino não se ilude. Ele sabe que as resistências ao transplante da capital serão tanto maiores e mais fortes, quanto mais positiva se manifeste a sua possibilidade. Não há, no Brasil, problema tão difícil como arrastar do Rio para aquele sertão longínquo a abulia, o comodismo daquele mundo de gente que faz o governo e vive do governo em meio às acomodações, comodidades e delícias da cidade maravilhosa. Mais do que tarefa de Hércules, será talvez suplício de Sísifo esse esforço, que se terá de iniciar muitas e muitas vezes, pois não faltará a força do “destino” a fazer as coisas sempre retornarem ao ponto de partida pela esterilização incessante de trabalhos feitos.

Como quer que seja, será coisa de bradar aos Céus desprezar tudo quanto o atual presidente ao fim de seus cinco anos de governo terá feito para que o Brasil tenha a sua capital onde ela deve estar. A esperança de que não se terá coragem de desprezar tanta coisa já feita e com tanto dispêndio — é que nos move a crer, a esperar, a desejar que o atual chefe do Governo imprima ritmo acelerado ao seu patriótico e constitucional empreendimento. É a gente do Brasil que o exige, pra caminhar em bases sólidas e bem distribuídas.

E a nós paulistas nos é supamente grato ver que, simbolizando a epopéia das Bandeiras que levaram até ali, e muito além, as

A Imprensa e a Primeira Missa de Brasília

fronteiras da Pátria — é o arcebispo de São Paulo que oficia a solene Primeira Missa em Brasília. Essa evocação é eloquente de promessas e de auspícios. Que Deus agora abençoe Brasília nascente como, há 457 anos, abençoou o Brasil nascente”.

(“A Gazeta”, de São Paulo, em 4-5-57).



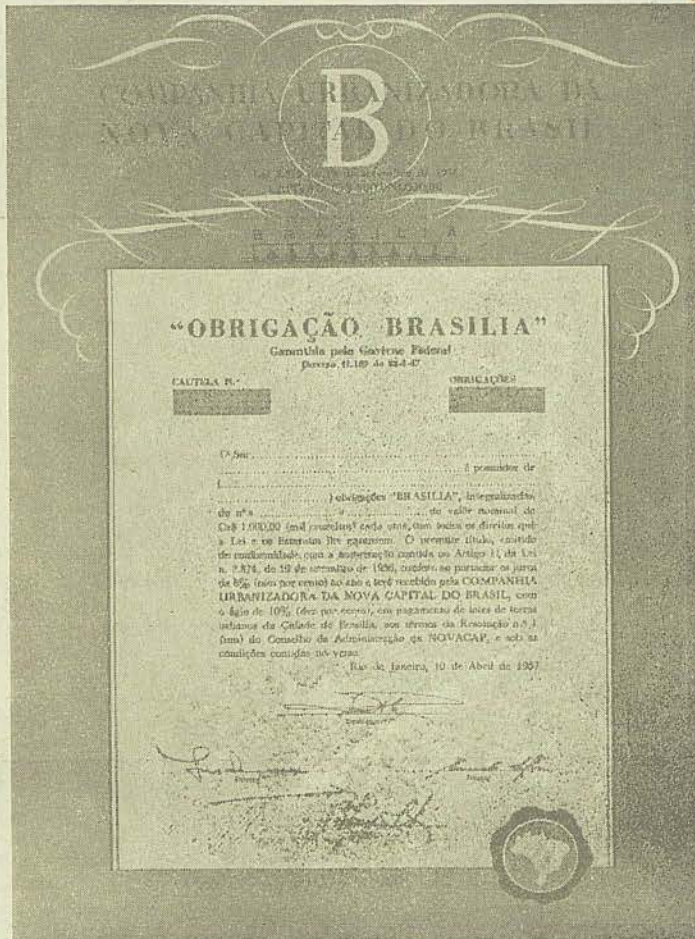
Dois aspectos das solenidades religiosas.



**GARANTA SEU LOTE
EM BRASÍLIA**

comprando

«OBRIGAÇÃO BRASÍLIA»



Emissão garantida pelo
Governo Federal

10% de ágio na compra
de seu lote, além de 8%
de juros ao ano.

Preferência para a escolha
de seu lote na nova Capital
do Brasil

**COMPRA-NOS BANCOS AUTORIZADOS
E NOS CORRETORES**

Senado Federal



SEN00170574

COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL DO BRASIL

(de acôrdo com a Lei n. 2874, de 19-9-1956)